Ano XXI — Maio de 1965 — N.º 241

SEMPRE PRONTO

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Mensário Escotista · Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

INCAPACIDADE

por Joel Ribeiro

Vinte anos se passaram sobre o termo, na Europa, desse flagelo que, durante anos, pôs o mundo a ferro e fogo, constituindo um dos mais calamitosos acontecimentos de que há memória.

Recordemos esses tempos angustiosos. O sacrifício imposto a milhões e milhões de vidas humanas, o implacável esforço exigido a povos e continentes inteiros, justificavam e impunham uma indemnização compensadora. Era de esperar fossem criadas as condições que afastassem, para sempre, a probabilidade de repetição dessa medonha hecatombe.

Após tanto sofrimento, após tantos prejuízos, quer de ordem moral, quer de ordem material, esta ideia de que se estava construindo uma nova era na história da comunidade humana, enchia a todos de esperança e permitia que se encarassem, com resignação e fé, os últimos actos do horrendo drama que a loucura dos homens tornara possível.

Vinte anos se passaram e vemos, agora, o engano em que laboravam os que assim tenham pensado e como foram vítimas de um inqualificável ludíbrio todos quantos, para a realização desse nobre ideal, puseram em equação todos os seus capitais e energias.

O homem de facto ama e quer a paz; contudo, vê-se, assim, imprevista e contìnuamente, colocado à beira do abismo. O homem deseja uma paz consistente e duradoura, mas é mesmo essa ânsia de encontrar as veredas da concórdia e da harmonia que o conduz a situações críticas, prólogo dos desentendimentos que agitam o concerto das nações.

Quererá dizer tal estado de coisas que o género humano tem uma indisfarçável vocação para a agressividade? A resposta a esta dolorosa pergunta é das que demandam maior ponderação e das mais susceptíveis de provocar melindres e discordâncias. Efectivamente, o homem comum, o homem da rua como sói dizer-se, odeia a luta entre as nações, que o faz sofrer na carne. Nada nos leva a crer que esses mesmos sentimentos não sejam partilhados também pelas classes dirigentes. Sendo assim, conclui-se que esta mórbida inclinação para as dissenções que provocam os desequilíbrios sociais e o ajuste de forças entre os povos é a testemunha de evidente e fatídica incapacidade para realizar as condições de paz entre os homens e de promover o bem estar de todos os viventes.

E esta incapacidade não se revela apenas nas deficientes relações entre os estados; manifesta-se igualmente na resolução de certos problemas de tomo que afligem a humanidade, como sejam o problema da fome, o problema das doenças, o problema do analfabetismo e outros.

Incapacidade pode ser, pois, o mais infeliz estigma da sociedade humana. E não temos que nos surpreender ante a perspectiva de um óbice como este da natureza humana, se nos lembrarmos que há notícia de homens, dos mais desentranhados sentimentos piedosos, que se sentiam, por vezes, angustiados por, aos princípios que informavam o seu carácter, não corresponder a natureza dos actos que praticavam. S. Paulo, o denodado apóstolo dos gentios, queixa-se, amargamente, numa das suas cartas, dos lapsos que notava nas próprias acções. *Não faço o bem que quero* — dizia ele — *mas o mal, que não quero, isso faço.* E rematava, afirmando: *Que miserável homem eu sou!*

Esta incapacidade a que nos vimos referindo, talvez tenha a sua origem no facto de o homem tentar achar as soluções para os seus problemas apenas com a utilização de meios puramente técnicos, esquecendo os predicados de ordem moral e espiritual que são aqueles que, ao longo da História, se têm mostrado capazes até de remover montanhas.

São estas as armas, não para abater e ferir, mas para enriquecer realmente o homem e lhe proporcionar os meios para, com a aplicação dos seus dotes de inteligência e pela modulação do seu carácter, construir um mundo mais equilibrado.

A educação tem exactamente por objectivo prevenir as insuficiências e as incapacidades do indivíduo, a causa primária das insuficiências das sociedades e das nações. Preparemos o homem para compreender a vida e enfrentá-la com segurança e um grande passo terá sido dado para a resolução dos grandes problemas sociais. D. Miguel de Unamuno afirmava que cada vez acreditava menos na questão social *e em todas essas questões que inventam as gentes para não ter que enfrentar e resolver a única questão que existe — a questão humana, que é a minha, a tua, a do outro, a de todos.*

Educar é a palavra de ordem de todas as nações, mas educar num sentido positivo, substituindo as tendências mórbidas por salutares aptidões e transformando em adequado exercício de atributos indivíduais as funções adulteradas por um uso indevido ou ilegítimo. Educar não com o intuito de lograr sabe-se lá que desígnios, mas sim com a convicção de se estar contribuindo para a elevação moral, espiritual e material do homem e, desta maneira, da própria humanidade.

Educar não é só a mais nobre como também a mais útil das missões.

O XX aniversário de "Sempre Pronto"

A EXCURSÃO A ALENQUER E SANTARÉM

Decorreu na melhor maneira a excursão a Alenquer e Santarém, realizada no dia 16 deste mês, com que se encerraram as comemorações do XX aniversário deste jornal.

O programa, criteriosamente delineado, agradou plenamente a todos quantos tomaram parte nesta excursão, de que resultou um dia bem passado, que

CONTINUA NA PÁGINA 5

UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO

Em 1963, em Castel-Gandolfo, via-se a divisa «Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro», entre os escudos e estandartes das catorze nações participantes, os quais decoravam a fachada do «Better World», resumindo o espírito da nossa Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias. Os nossos amigos italianos escolheram uma divisa que merece ser adoptada por todos os nossos ramos, porque, devemos saber, o padrão escoteiro é indelével. Isto demonstra a fidelidade dos mais velhos ao espírito de «Serviço», a energia e clarividência pelos quais descobrem esse significado e a profunda alegria interior que se revela nas suas faces. Isto é o resultado da serenidade e paz de corações puros em constraste com o espírito orgulhoso e erótico da nossa era.

Algumas pessoas consideram este espírito escoteiro uma infância retardada. Alguns têm já visto caricaturas mostrando escoteiros velhos com barbas brancas e calções curtos, como aqueles antigos soldados que vestem os seus antigos uniformes desenterrados de velhos baús. Trata-se de um fácil e estéril humor, o qual em alguns países tem feito parar o progresso do movimento escoteiro adulto. Na realidade, não é o uniforme, nem as lembranças do passado que unem os antigos escoteiros e guias. É uma interessante, vigorosa e útil vida. Primeiro numa perspectiva do mundo presente, com uma viva curiosidade sempre aberta a novos acontecimentos, de acordo com a divisa «Look and know» (Observe e conheça). Há então uma disposição para apreciar e admirar tudo aquilo que é bom ou belo sem mesquinhez nem orgulho. Muito correctamente escreveu um Antigo Escoteiro da Holanda: *O espírito escoteiro permite que diferentes credos ou opiniões políticas se juntem para discutir problemas delicados sem cair na discórdia!* Este espírito de liberdade intelectual é o sinal de uma verdadeira cultura. Não nos surpreendemos nós tanto quando encontramos Professores nas nossas reuniões internacionais que são capazes de pôr de lado a sua maneira dogmática e serem instrutivos e agradáveis como o nosso querido Professor Ceschi, vice-presidente do Consenho da Fraternal Internacional?

De facto este companheirismo de adultos, o cumprimento entusiasta da promessa infantil de dar toda a vida ao serviço de Deus, da sua religião, da sua pátria, para auxiliar os outros em todas as circunstâncias, abre uma fonte de muitas actividades. É dado auxílio aos movimentos da juventude e Escotismo, ao trabalho social e religioso, ao movimento ecuménico, aos países pouco privilegiados, e à paz no mundo. Em vinte e seis países (não tantos quantos têm escoteiros) há «fraternais» sob vários nomes e formas que reúnem antigos escoteiros e antigas guias; especialmente antigos chefes escoteiros e chefes guias, reservas de intrutores, socorristas que estão sempre prontos. Embora eles estejam muitas vezes completamente ocupados, sabemos que darão sempre o seu apoio moral, que eles podem trabalhar para bons filmes, livros, discos para orientação da juventude, para auxílio de lares para deficientes, cegos ou inválidos. O campo de serviço é enorme e os trabalhadores nunca são suficientes. Quão grande é a insuficiência em comparação com as necessidades da hora presente? Em parte isso é nossa falta. Não há bastante coordenação entre os movimentos da juventude e as organizações adultas. Os jovens muitas vezes não sabem nada do movimento adulto, nem os pais sabem dos escoteiros. Ambos devem auxiliar os rapazes e as raparigas a treinarem-se no movimento escoteiro de forma a poderem participar num futuro melhor.

Haverá necessidade de repetir isto? Neste grande jogo não há precisão de uniforme, mas é necessário ter uma grande Fraternal, fortemente unida com laços de amizade, (uma acha sòzinha não faz um fogo de acampamento) uma fé profunda posta ao serviço de Deus e do próximo, uma fé de todos aqueles que mantêm uma perseverança viva e uma imaginação rica.

O desejo de B. P.

Alguns dos nossos dirigentes duvidam do valor de um ramo de antigos rapazes. Esta não foi a opinião de Baden-Powell, que escreveu alguns anos antes da sua morte: *Se olharmos para um futuro não muito distante não podemos deixar de ver uma grande amplitude do nosso movimento congregando um grande número de antigos escoteiros adultos. Quando chegar o dia em que haja milhões de homens de boa vontade, todos os contactos com o movimento e com cada um dos outros e cheios de espírito escoteiro e desejo de servir, quantas não serão as nossas possibilidades de promover o Escotismo no nosso país?*

«Se olharmos mais longe no futuro veremos ainda maiores possibilidades. Se os nossos vizinhos criarem organizações semelhantes nos seus países, como não temos dúvida de que farão, um grande passo será dado pelos homens de diferentes nações para a boa vontade e compreensão que serão a garantia da verdadeira paz na mundo». B. P. 1937.

Também ele anteviu uma fraternal para escoteiros adultos «antigos escoteiros e antigas guias». Este desejo do Fundador está em vias de ser realizado pela Fraternal Internacional, a qual abre o caminho da boa vontade e compreensão entre as mulheres tanto quanto entre homens de diferentes nações.

Porque será que este apelo de Baden-Powell não obteve ainda a resposta que merece? (Uma grande mágoa para o futuro do Escotismo, que deveria já ter produzido um mundo melhor) pensaremos nós certamente. O caminho de lobitos para a tribo, e da tribo para caminheiros está organizado, mas o caminho de Caminheiros para o Escotismo adulto não, o que explica a demora naquela transformação do mundo previsto por B. P. Isto será fácil de remediar através de mais informação e melhores contactos entre os dirigentes.

Alguns pioneiros

Podemos ver alguns mais encorajantes sinais: não tem o Escotismo levado já algumas eminentes personalidades à vida pública?

Nos Estados Unidos, poderemos nós esquecer aquele que foi um activo escoteiro em Bronxville, Nova Iorque, de 1929 até 1931? Não foi significativo que este escoteiro treinado em Presidente John F. Kennedy tivesse escolhido tanta vez o seu gabinete entre escoteiros como Rusk, McNamara, Robert Kennedy, Day, Udall, Ribicoff e até duas chefes de lobitos as senhoras Freeman e Goldberg?

Continua na página 7

FERROADAS

Está a divulgar-se entre nós o uso de medicamentos baseadas em produtos extraídos das abelhas, aos quais se atribuem efeitos maravilhosos.

Todavia, a terapêutica caseira, que aceita a colaboração dos maçadores bichinhos, não pós ainda de parte práticas a que os antigos davam excepcional importância, como sendo a ferroada, que se diz ser suficiente para proporcionar, às vezes, a cura do reumático, gota ou paralisia.

Com a mesma benéfica intenção, resolvemas passar a aplicar as nossas «ferroadas», esperançados que estas, mesmo que doam, possam ajudar a curar o reumático que tolhe o nosso pobre Movimento Associativo.

Alguns Chefes de Grupo mostram-se francamente desanimados com os últimos programas da T. V. É que já não prendem a atenção dos rapazes e, assim, já não podem arranjar desculpas para a falta de actividade.

*

Não admira que se não vejam actividades escotistas. A maioria dos grupos da A. E. P. são marítimos e a seca que se faz sentir no nosso País durante os últimos meses não permite grandes excursões.

*

Ao menos os Chefes podiam ter aproveitado o inverno para ensinar os escoteiros a plantar flores em vasos e, assim, podiam conservar os seus rapazes nas sedes, durante o verão, explicando-lhes calmamente as maravilhas da natureza, sem se darem à maçada dessas estafantes saídas para o campo, à torreira do sol.

*

Também não me parece haver grande necessidade de nos preocuparmos. Este ano não haverá Acampamento Nacional.

*

Para premiar o esforço dos Chefes que levam a sua dedicação ao Escotismo ao ponto de se deslocarem duas ou três vezes em cada Verão ao Campo Escola da Caparica, bem podia a Direcção mandar colocar num dos pavilhões confortáveis — *maples*. Na realidade sentarem-se no chão é uma maçada e desvinca as calças do uniforme, E conversar de pé não dá jeito nenhum.

*

Será que as datas de 22 de Fevereiro e 25 de Abril já não constam do calendário escotista?

*

Parece-me que seria de aconselhar a realização de um Congresso Escotista, onde se podessem estudar se realmente há vantagem em que os escoteiros vão acampar. Sempre se evitavam algumas picadas das melgas e até escusavam de gastar dinheiro com o uniforme.

ABELHUDO

2 EXEMPLOS ESCOTEIROS

Alegre e bem disposto!

Durante os jogos olímpicos, realizados há pouco tempo, foram anunciadas as provas de lançamento do martelo.

O atleta francês chega, pega no martelo, dá uma reviravolta e atira-o a 82 metros de distância. Houve aclamações e o feito era já considerado o *record* mundial. Depois, é a vez do *atleta* americano que, pegando no martelo e dando a costumada reviravolta, o atira a 85 metros. O delírio subiu ao auge.

Mas o martelo atirado pelo americano, vai parar aos pés de um espectador, que o apanha precipitadamente e o atira a a 143 metros.

Estupefacção geral. Os jornalistas, os operadores, os homens da televisão, todos, correm para o jovem espectador anónimo e todos gritam à uma:

— Parabéns, rapaz, és o super campeão...

— Nada disso — responde sorrindo apenas detesto o martelo. E quando vi esse instrumento de trabalho aos meus pés, atirei-o o mais longe que me foi possível.

— Porquê? — perguntaram-lhe os presentes.

—Porque sou escoteiro e ontem na sede a consertar um banco, dei uma grande martelada num dedo, que, como vêem, se encontra em ligaduras.

Amigo dos animais...

Numa aula de instrução de bombeiros, o comandante, depois de pregar, durante muito tempo, o amor que todos devem consagrar aos animais, volta-se para um aspirante e pergunta-lhe:

— Se, por exemplo, visses um gato em perigo de morrer afogado, ias salvá-lo, não é verdade?...

— Não, senhor!

— Porquê? — porgunta-lhe o comandante.

Ante a espectativa ansiosa de todos os presentes, o nosso rapaz explica:

— Não o salvava, porque ainda hoje, um gato me comeu uma posta de bacalhau, que é tão difícil de arranjar e era para o meu almoço!

...e todos são seus irmãos

Não há dúvida que o golfe é um desporto indicado para pessoas fleumáticas ou para os que desejam vir a sê-lo, pois é uma autêntica escola de virtudes.

Durante uma lição, o professor propõe a um dos seus alunos:

— Bom, meu rapaz, acho que deve começar. Cerre os joelhos, balance o corpo e comece a jogar. Vai fazer o seu primeiro percurso.

Todo orgulhoso, o jovem golfista bate na bola com tal força, que esta desaparece no horizonte. Vai atrás dela e, alguns momentos mais tarde, reaparece muito choroso.

— Senhor professor, é horrível o que acaba de acontecer. A bola, em vez de ir ter próximo do buraco, foi atingir, nos olhos, um condutor de auto carro, que passava na estrada. O pobre homem, perdeu o domínio do carro e despenhou-se, sobre a linha férrea, no momento exacto em que passava o comboio. Só se vêem ferros torcidos, fumo, poeira... e, de tudo isto, crescem gritos horripilantes, de inúmeras vítimas. Não pude suportar aquele espectáculo pavoroso e fugi! Quando penso que a responsabilidade é toda minha... Que devo fazer, senhor professor?

E este, pausadamente, responde:

— O que deve fazer? Muito simples. Para a próxima vez, cerre um pouco mais os joelhos, balance menos o corpo... e não bata na bola com tanta força...

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES

Imprensa



O XX aniversário de «Sempre Pronto»

● Também o excelente *Boletim da Câmara dos Despachantes Oficiais* se referiu ao aniversário do nosso jornal, com palavras de muita simpatia.

Reconhecidamente agradecemos.

● No nosso último número dissemos, por lapso, que o mensário *Portugal Evangélico*, era um órgão da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, quando, na verdade, é da Igreja Evangélica Metodista de Portugal.

Pedimos desculpa.

Calendário de Junho

Dia 22 — 32.º Aniversário do Grupo n.º 52, de Angra do Heroísmo.

Dia 23 — Aniversário do Grupo 84, do Entroncamento.

Dia 24 — 31.º Aniversário do Grupo n.º 93, de Sintra.

Canções escoteiras

A Secção Filatélica da Fraternal possui agora uma fita gravada com diversas canções escoteiras, tanto nacionais como estrangeiras, colectânea que foi possível organizar graças à colaboração da A. E. P. e dos companheiros Luís António dos Santos, Wolfgang Karl, Eng.º Nobre Santos e Amílcar Fernandes.

Esta colectânea de canções está à disposição de todos os grupos que a desejem para abrilhantar as suas festas, bastando para isso solicitar a sua cedência à Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Dia do Escoteiro

Sua Santidade o Papa Paulo VI falou, como de costume, da janela dos seus aposentos aos fiéis reunidos na Praça de S. Pedro, no domingo, dia 25 de Abril último. Referindo-se aos escoteiros e lembrando a festa de S. Jorge, fez votos *«para que a nossa juventude possa viver em paz e seja capaz de edificar a paz no mundo moderno.»*

CONCURSO "VALORES HUMANOS"

FIGURA N.º 3



De famílias humildes, este estadista recebeu uma educação escolar muito elementar. Porém, o amor à leitura e aos estudos, desenvolvendo os seus conhecimentos e cultura, permitiram-lhe largos voos.

Era alto, rude, e de forte compleição física, mas de grande simpatia humana.

A sorte das classes humildes merecia-lhe especial interesse. A escravatura repugnava-lhe tenazmente. A luta pela sua extinção seria a principal característica da sua actividade política que começou com a eleição para deputado à assembleia estadual.

Assumindo as funções de advogado, revelou tal honestidade no seu desempenho que infundia confiança não só na numerosa clientela, mas também nos próprios juízes.

A carreira política continuou com a sua entrada no Congresso federal. Reclamou, então, contra a guerra do México, e fez um célebre discurso sobre a abolição da escravatura.

Grangeou tal respeito e popularidade que começou a ser apontado como um forte candidato à Presidência da República, lugar que conquistou nas primeiras eleições que se realizaram.

Grandes problemas o aguardavam: a abolição da escravatura e os sentimentos separatistas de alguns estados do sul, onde a sua eleição desagradara.

Começou, então, a dura e cruel Guerra da Secessão que, após as mais variadas peripécias e as maiores violências, terminou com a vitória dos nortistas, à qual, no entanto, já não assistiria o chefe do estado, o grande artífice desse triunfo, por ter sido assassinado num teatro, onde se encontrava, pouco tempo antes do desfecho da luta.

ATENÇÃO: *A resposta a esta nótula biográfica pode ser-nos remetida até final do próximo mês de Junho.*

A excursão de "Sempre Pronto"

«Rádio Clube Português» incluiu no seu noticiário uma informação acerca da excursão promovida pelo nosso jornal.

Agradecemos a simpatia com que fomos distinguidos.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

Comemoração do Dia do Escoteiro

A Fraternal comemorou, mais uma vez, o dia 23 de Abril, com o tradicional jantar de confraternização, que se realizou no Restaurante Campo Grande.

Apesar da ausência de alguns dos habituais companheiros da «Tertúlia» que, por motivos vários, não puderam comparecer, estiveram presentes cerca de sessenta convivas, tendo o jantar decorrido com a alegria e companheirismo próprios destas reuniões de antigos escoteiros.

Após o repasto, o Presidente da Direcção da Fraternal, sr. Humberto Martins, usou da palavra para lamentar a ausência do querido companheiro, sr. rev. Eduardo Moreira que, certamente por motivo imperioso, privou todos os presentes da satisfação de escutar mais uma vez a sua palavra erudita e cativante.

Em seguida, o Presidente pediu ao sr. Eduardo Ribeiro para tomar a palavra, o que o nosso Director aproveitou para ler uma carta do companheiro, sr. prof. António Álvaro Dória, da qual reproduzimos os seguintes passos:

«Há longo tempo, não posso recordá-lo agora com precisão, e a propósito de um desses ágapes que se realizam todos os anos em 23 de Abril, eu pedi ao meu Amigo o favor de não se esquecer de saudar em meu nome todos os velhos Camaradas, conhecidos e desconhecidos, presentes. Como estamos perto do Dia Mundial dos Escoteiros, quero pedir-lhe novamente o favor de me lembrar, assegurando a todos que, embora ausente corporalmente, lá estarei presente em espírito e, para mais, muito bem representado por si. Desejaria que não esquecesse de saudar em especial o rev. Moreira, se estiver presente, com quem trabalhei tão intimamente nesses anos remotíssimos de 1921 a 1924. E dê-lhe um abraço em meu nome.

«Desculpe esta maçada, mas eu não gosto de faltar onde a minha presença é imposta pela minha consciência. *Noblesse oblige!* Embora a «nobreza» não seja a vã nobreza do sangue, mas a que se ganhou há longos anos, na convivência com os outros camaradas, dentro dos sãos princípios do Escotismo».

O nosso Director referiu-se depois ao significado da data que se comemorava, e, aproveitando as palavras do companheiro Dória, salientou, que um Movimento que radica no espírito daqueles que o sentem uma amizade e compreensão que resistem a tantos anos e se mantêm vivas, bem merece o nosso interesse e devoção.

Em virtude da sua próxima partida para Angola, para onde se deslocou em missão profissional, o companheiro António da Silva e Cunha foi alvo de carinhosa manifestação por parte de todos os presentes.

O companheiro Ribeiro Nunes usou depois da palavra para salientar a presença, pela primeira vez nas reuniões da Fraternal, do sr. eng.º Brotas Cardoso, antigo dirigente da A. E. P., a quem deu as boas vindas. Aquele antigo dirigente agradeceu a simpatia com que fora acolhido, salientando o seu interesse pelas actividades da Fraternal.

Ao terminar, retomou a palavra o Presidente da Direcção, para fazer uma comunicação a todos os presentes sobre as actividades da Fraternal desde a sua posse, tendo palavras de elogio para os seus colaboradores e manifestando franco optimismo quanto à acção futura da actual Direcção, referindo-se, ainda, amàvelmente ao nosso jornal.

«Sempre Pronto» esteve presente a esta agradável reunião com todo o seu corpo directivo.

Cerimónias religiosas

Integrado nas comemorações do Dia do Escoteiro, a Fraternal mandou celebrar uma Missa na Igreja do Sacramento e um Culto Evangélico na Igreja das Janelas Verdes, sendo a última destas cerimónias efectuadas no domingo, dia 25, por impossibilidade de realização no próprio dia de S. Jorge, como era desejo da Direcção.

Excursão de Antigos Escoteiros

Chegou ao nosso conhecimento que a Direcção da Fraternal vai promover, em data próxima, uma excursão em autocarro a Caldas da Rainha, Óbidos e Torres Vedras.

As informações acerca desta interessante actividade podem ser pedidas para a sede desta associação: Rua de S. Paulo, 254, 1.º, em Lisboa, ou nos locais habituais, entre os quais a Redacção do nosso jornal.

Dado o excelente nível verificado em todas as excursões em que têm tomado parte os antigos escoteiros, é de prever que um êxito assinalável vá coroar esta louvável iniciativa da «Fraternal».

M. G.

Há 20 anos "Sempre Pronto" publicava:

DO ALGARVE

«Na reunião de dirigentes dos três grupos, efectuada durante as festas de 20.º aniversário do 60, foi deliberado fazer-se um acampamento de propaganda entre os Grupos n.º 6 e 60 na Praia da Rocha, com o fim de reorganizar os Grupos n.os 64 e 65 de Lagos e Portimão, respectivamente. Pensámos, também, na reorganização dos antigos grupos de Tavira e Mértola. Para esse fim, vamos aproveitar a oferta do nosso sócio benemérito sr. Eng.º M. D. M. Falconer, que pôs à nossa disposição o vapor Catelaine *para nos transportar a Mértola».*

Segundo cremos, nada resultou destas diligências dos escoteiros algarvios, porque nos convencemos de que os grupos que visavam reorganizar continuaram sem actividade.

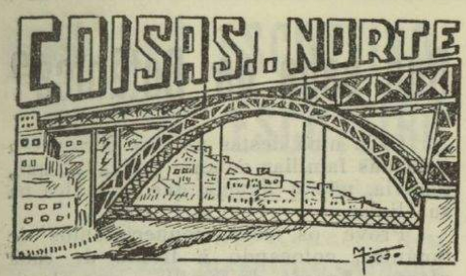
No entanto, não seria um trabalho de grande interesse para o nosso movimento tentar-se o ressurgimento de grupos que, em tempos idos, levaram a mensagem do Escotismo a tantas terras do País?

Os escoteiros prestam serviço

Sobre a sala onde se servia, no Porto, um copo de água de um casamento, ruiu a parede de um prédio contíguo, que estava em demolição.

O desastre provocou cinco mortos e vários feridos.

Foi muito útil e apreciada a acção de vários escoteiros nos trabalhos de socorro às vítimas, o que foi assinalado por alguns jornais diários.



Núcleo do Porto

● Festa a S. Jorge

Na sede do Núcleo do Porto, foi levada a efeito, no passado dia 23 de Abril, a festa dedicada ao Patrono do Escotismo — S. Jorge —, que decorreu num bom ambiente escotista.

Foi orador desta festa o sr. rev.º Vidal Vieira dos Santos, que uma vez mais desenvolveu a história de S. Jorge, seguindo-se uma outra, não menos importante mas verdadeira, que foi a desse Grande Herói que, na batalha do Toro, depois de ter ficado sem os dois braços, agarrou a Bandeira Nacional com os dentes. Foi este grande valente denominado o «Decepado». No domingo seguinte, e para encerramento destas cerimónias, voltaram os Grupos a reunir na Sede do Grupo 15, onde se procedeu a um desfile de alta divulgação escotista dentro dos muros da freguesia daquele Grupo que algo poderá ter contribuído para uma maior expansão do Movimento.

● Curso de Explanação

Pelo Chefe Geral Adjunto, eng.º Nobre Santos, vem sendo levado a efeito, na Região do Norte, um Curso de Explanação que tem criado bastante interesse e animação pelos aproveitamentos conseguidos para os Chefes porem em prática nos seus Grupos. Depois de uma sessão em Vila Nova de Gaia, no Grupo n.º 44, esteve o Chefe Nobre Santos, acompanhado pelo sr. Pena Ribeiro, no Grupo n.º 4 deste Núcleo do Porto. Depois de apresentadas as saudações àqueles dois Chefes, bem como aos Chefes dos Núcleos do Porto e de Vila Nova de Gaia, pela Direcção do Grupo 4, começaram os trabalhos do Curso de Explanação, constando desta vez de assuntos referentes a topografia, de jogos por intermédio de homógrafo e ainda da obtenção de pegadas de animais. Todos os trabalhos realizados foram de muita importância e de grande interesse, sobretudo na parte respeitante a topografia, que satisfez todos os Chefes e dirigentes presentes. — *C.*

Problemas da Língua

Seguimento da pág. 8

aproveitamento industrial e não quis tirar proveito económico (isto nos Estados Unidos) por entender que lhe bastavam para viver os honorários de professor, pertencendo o resto à humanidade. Um prodígio de saber e de sentir, sem recalques doentios.

Bem hajam as igrejas cristãs que desde há muito têm ordenado presbíteros e bispos sem olhar à cor da tez. Bem haja todo aquele que não cura da epiderme de cada um para inventar distinções ou apodos!

EDUARDO MOREIRA

Assinante Patrocinador

Mais um dos nossos assinantes se decidiu por tomar a qualidade de patrocinador deste jornal. Trata-se do sr. eng.º Jorge Brotas Cardoso, antigo dirigente escotista.

Agradecendo a sua adesão, ficamos convencidos de que muitos outros dos nossos amigos se vão decidir por prestar a «Sempre Pronto» uma cooperação mais eficaz.

Prevenção de Acidentes *de Trabalho*

O Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais, prosseguindo na sua utilíssima acção instrutiva e educativa, vai promover um novo curso de monitores de segurança por correspondência, atendendo inúmeros pedidos que lhe têm sido dirigidos.

A inscrição é gratuita e está aberta na sede do Centro, Rua do Telhal, 12, 4.º dt.º, Lisboa 2, podendo ser feita até ao dia 31 de Maio corrente. Este curso parece-nos do maior interesse para todos os Escoteiros, que poderão assim e sem quaisquer encargos obter uma preparação utilíssima não só para a vida profissional mas para a própria actividade escoteira.

DE SINTRA

Grupo n.º 93

ESCOLA DE TRÂNSITO — No dia 9 deste mês, realizou-se no Rinque do Parque Municipal desta vila, gentilmente cedido pela Câmara Municipal e pelo Hóquei Clube de Penha, a anunciada Escola de Trânsito da Shell Portuguesa.

Esta actividade decorreu da melhor forma e nela tomaram parte 50 crianças, de idade entre 10 e 13 anos. Estavam presentes cerca de 800 espectadores.

Dois aspirantes deste grupo, João Pedro Mendes da Ponte e João Pedro Carretero Bicho, este filho do Chefe do Grupo, ficaram classificados nos 5 primeiros lugares.

Os dirigentes desta actividade felicitaram os escoteiros pela boa organização do programa e da boa propaganda que foi feita desta Escola.

Os dirigentes do 93 pensam convidar os participantes neste concurso para uma festa na sede do Grupo, onde lhes serão entregues algumas lembranças —C.

Serviço de Material e Uniformes

Insígnias associativas

Segundo modelo aprovado oficialmente pela A. E. P., o Serviço de Material e Uniformes, que funciona na Rua de S. Paulo, 254-1.º em Lisboa 2, dispõe agora das insígnias associativas para uso no uniforme dos escoteiros e dirigentes de todas as Divisões. A insígnia é usada ao centro da parte superior da algibeira direita da camisa do uniforme.

A insígnia está muito perfeita e tem beleza, possui o emblema dos Escoteiros de Portugal e o nome da associação. Os escoteiros ficam assim a dispor de uma insígnia de que há muito se sentia a falta, até para constantes solicitações de permuta com escoteiros de outras associações.

A excursão a Alenquer e Santarém

SEGUIMENTO DA PÁG. 1

a todos deixou satisfeitos e que vai ficar como uma boa recordação da camaradagem e amizade reveladas por todos os forasteiros.

De manhã, à hora marcada, a caravana, constituída por dois autocarros e vários automóveis, iniciou a marcha para Alenquer, onde se visitou o túmulo do grande cronista Damião de Góis e se escutou uma invocação, especialmente escrita para aquele momento pelo nosso distinto colaborador, sr. prof. Alvaro Dória, sobre a vida e a obra do grande humanista português.

Em Santarém, visitaram-se diversos monumentos e, na Igreja da Graça, o nosso prezado colaborador, sr. Luís Simões Aurélio, teceu bem documentadas considerações sobre a vida de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil, junto da campa do grande navegador.

Depois do almoço, que foi servido num restaurante desta cidade, os excursionistas seguiram para Alpiarça, onde visitaram a Casa-Museu dos Patudos, essa admirável colecção de arte legada pelo grande benemérito que foi José Relvas. Foi oferecida a esta instituição um artístico pergaminho, com iluminuras, executadas pelo nosso estimado amigo, Humberto Martins.

O êxito deste empreendimento deve-se muito ao excelente trabalho levado a efeito pela Comissão de Patrocínio, constituída pelos nossos amigos, srs. Eugénio Ribeiro Nunes, Ernesto Nascimento, Luís Simões Aurélio, Amílcar Fernandes e José Eduardo Pena Ribeiro, e à magnífica cooperação que encontrámos na dig.ma Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, que deu a esta actividade uma projecção que, de outra forma, não seria possível alcançar.

No próximo número, dedicaremos a este acontecimento uma mais desenvolvida atenção.

● Os órgãos de informação e «Sempre Pronto»

Vários órgãos de informação noticiaram este empreendimento que o nosso jornal levou a efeito.

Entre todos, é justo salientar a expansão que o conhecido programa radiofónico *Parada da Paródia* deu ao noticiário da excursão de «Sempre Pronto», anunciando-a em diversos dos seus programas. Ao seu director, o nosso prezado companheiro, sr. Rui Andrade, e a todos os seus colaboradores, agradecemos a magnífica colaboração que nos foi oferecida.

Também o «Jornal de Sintra», o «Diário de Notícias» e «O Século», se referiram a esta actividade. Os nossos agradecimentos.

● Cumprimentos a «Sempre Pronto»

O nosso estimado amigo o assinante, sr. António Viegas Custódio, digno chefe do Grupo n.º 12, enviou-nos uma carta a felicitar-nos pela passagem do nosso aniversário e fazendo votos de longa vida para este jornal *para o ir coleccionando, o que venho fazendo com muito gosto desde o seu n.º 1.*

Agradecemos a este nosso dedicado assinante a sua amizade e retribuímos os votos de longa vida.



AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO

O ACAMPAMENTO DA OUTRA BANDA



A Patrulha deliberou fazer o seu primeiro acampamento deste ano. A concentração era no Cais do Sodré às 5 horas da tarde. O acampamento realizava-se na Outra Banda.

O Zé Escoteiro andava radiante com a perspectiva de mais um dia passado ao ar livre. Logo de manhã, começou a preparar o equipamento, mas, sempre o mesmo patatenra, atrasou-se. Quando chegou ao Cais do Sodré eram cinco e meia e a rapaziada, fiel aos princípios de pontualidade, já tinha marchado.

O Zé não se atrapalhou. Chegou ao pé de um polícia e delicadamente fez-lhe a pergunta:

— Pode fazer o favor de me dizer onde fica a Outra Banda?

— É daquele lado do rio, meu rapaz. Mete-te aí nesse barco que vais lá ter. A passagem é barata.

Zé Escoteiro agradeceu e enfiou no barco da carreira. «O Escoteiro sorri e assobia nas dificuldades», pelo que o nosso herói preparou o seu melhor sorriso e de vez em quando assobiava a canção da patrulha.

Chegado ao outro lado, desembarcou, deu a volta ao largo de Cacilhas, mas não viu um único escoteiro. Começou a atrapalhar-se. Dirigiu-se a um Guarda Fiscal e desfechou-lhe a pergunta:

— Faz o favor de me dizer onde é a Outra Banda?

— A Outra Banda é do lado de lá. Podes ir nesse barco!

— Ora essa! - retorquiu o Zé Escoteiro — ainda há pouco lá no outro lado me disseram que era aqui. Estas autoridades não se entendem...

Ao ler o epigrama de Fedro

Um sujeito de quem fala
Uma história bem contada,
Tinha uma algibeira rota
E a outra bem ponteada.
Conta alguém, se lhe traziam
Azedas «vozes do mundo»,
Escrevia, e punha a nota
Na algibeira sem fundo.
Mas se um dito bom provinha
Duma estima verdadeira,
A nota que ele escrevia
Ia prà outra algibeira...

Quem isto ler a preceito
Não precisa de conceito!

E. M.

PROBLEMAS PARA LOBITOS

Solução

Se uma sexta parte dos lobitos tinha ido para férias, os restantes formavam cinco sextas partes. Essas cinco sextas partes eram, segundo os dados do problema, $11 + 7 + 37 = 55$. Ora, se 55 eram cinco sextas partes, cada parte compunha-se de 11 lobitos. Portanto, tinham sido convocados 66.

Um problema

Solução

O exercício começou exactamente no Pólo Norte. Partindo deste ponto, caminhando 3 km. para o sul e, depois, 3 km. para o ocidente (ou para o oriente) e terminando por caminhar 3 km. para o norte, é inegável que se regressará precisamente ao sítio inicial.

Acertaram na solução os nossos amigos, srs. Avelino Fernandes da Silva Mendes, da Figueira da Foz, e José Eduardo de Sousa Maurício, de Faro, a quem já enviámos um opúsculo como recordação da sua perspicácia.

Que sabe de Botânica?

Cada uma destas plantas pertence a uma das famílias adiante indicadas, que, todavia, não é aquela que se indica na sua linha.

Prove os seus conhecimentos de botânica, colocando à frente de cada planta o nome da família a que efectivamente pertence.

Plantas	*Famílias*
1. COQUEIRO	a. UMBELÍFERAS
2. MOSTARDEIRA	b. OLEÁCEAS
3. TRIGO	c. CRUCÍFERAS
4. CAFEEIRO	d. GRAMÍNEAS
5. OLIVEIRA	e. MORÁCEAS
6. FIGUEIRA	f. PALMEIRAS
7. ANIS	g. CUCURBITÁCEAS
8. MELOEIRO	h. RUBIÁCEAS

Anedota

Um velho escoteiro, impecàvelmente fardado, encontra outro velho escoteiro, também impecàvelmente fardado, no jambori de Atenas, e, saudando-o, pergunta-lhe com a maior correcção:

— Foi a V. Ex.ª que tive o prazer de falar em Gödöllö?

— Certamente que não, — responde o interpelado, também com toda a solicitude. — Não estive nesse jambori.

Volve o primeiro.

— Eu também não estive lá. Devem ter sido duas pessoas diferentes...

Trabalho dobrado

Conta-se que um sábio chinês, mestre de oratória, foi um dia procurado por um rapaz, um consumado fala-barato, que por este facto os pais julgavam viria a dar um eloquente tribuno.

O rapaz falou tanto, tanto, tanto, que, quando finalmente chegaram ao assunto que ali o tinha levado, saber as condições do curso, o mestre, aborrecido, mencionou uma quantia dupla da que costumava cobrar aos alunos.

O rapaz, indignado, perguntou:

— Que motivo tem o senhor para me levar o dobro do que leva aos outros?

— Um motivo muito simples — disse o velho sábio com um sorriso indulgente. — É que aos outros ensino a falar; mas a si tenho de o ensinar também a estar calado.

De «Pedrinhas»

CONHECE PORTUGAL?

Soluções

1. b. Pinhel fica no distrito da Guarda.
2. c. A serra de Ossa tem 649 metros de altitude.
3. c. O rio Mira desagua próximo de Vila Nova de Milfontes.
4. c. Lamego pertence à província da Beira-Alta (já esteve integrada em Trás-os-Montes, província que hoje se limita aos distritos de Vila-Real e de Bragança).
5. c. Egitânia é o nome antigo de Idanha-a-Velha
6. b. Pedro Nunes nasceu em Alcácer do Sal.
7. c. O Cabo Sardão fica na costa do Baixo Alentejo.

UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO

Seguimento da pág. 2

Se o Presidente Kennedy deu ao mundo um magnífico exemplo na sua vida de família, no seu cuidado pela própria família humana, sem distinção de raça (e poderemos considerá-lo um mártir), não podemos esquecer que foi escoteiro durante dois anos, e permaneceu fiel aos ideais da sua mocidade até ter sido chamado para a vida eterna. Kennedy será sempre um exemplo para toda a Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Antigas Guias.

O Presidente Johnson foi também escoteiro. (Uma vez mais a pergunta: quando será que os E. U. A. se juntarão à Fraternal Internacional?)

Na Itália, um antigo escoteiro, o sr. Gui, que se filiou na Fraternal no último ano, é Ministro da Educação. Na Bélgica, o Rei alegremente recorda a sua filiação escoteira, e em Marrocos, o Rei Hassan II pertenceu aos escoteiros. No Conselho do Vaticano sabemos de diversos Arcebispos que foram capelães ou dirigentes escoteiros, principiando pelo próprio papa.

Finalmente, o factor comum entre escoteiros e guias de todos os países e de todas as profissões é a Promessa pela qual têm advogado uma vida simples, baseada na natureza e no serviço de Deus e do seu próximo sem limite de tempo, porque a promessa permanece até ao fim da vida. Os curtos momentos empregados em qualquer reunião nacional ou internacional prova à evidência que todos, longe do espírito de veteranos de escola ou de regimento, estão vivendo no presente e continuarão a viver no futuro, de acordo com Ribot, o padrão de um coração juvenil. Eles largam a cantar enquanto passeiam, viajam em autocarro ou rodeiam o fogo de campo. Não necessitam de *transistors*... as suas vozes e a sua alegria jorram do coração.

Que pensaremos nós desta estranha raça de escoteiros que parece escapar-se da idade antiga?

Os anos acumulados são para eles degraus na ascensão para Deus. E, filhos da promessa, entram no seu Lar, sem terem sido velhos enquanto a sua missão não está terminada, para continuar ali a sua Fraternal.

Jean SCELLES

Do Boletim da «Internacional Fellowship» — Novembro 1964.

FILATELIA

Defeitos dos selos

O filatelista tem sempre o maior empenho em que a sua colecção seja constituída por selos impecáveis, sem qualquer defeito.

Todo o filatelista sabe que o selo que não tem o denteado (a serrilha) completo; está com nódoas de gordura provenientes de marcas de carimbo ou outra causa; está adelgaçado, amarrotado ou com vincos, perfurado, mal cunhado, com cortes ou incompleto, se encontra estragado e não deve figurar numa colecção bem cuidada.

Alguns destes males têm, no entanto, remédio. Se um selo tiver um pequeno vinco, é muitas vezes possível aproveitá-lo, procedendo da seguinte maneira: coloca-se o exemplar entre dois papéis brancos e passa-se com o ferro de engomar quente por cima. Geralmente, o vinco desaparece.

Se o selo apresenta mancha de tinta de escrever, é possível limpá-lo com a ajuda dos conhecidos produtos designados por *safa-tintas*, desde que sejam usados com muito cuidado para que não prejudiquem a cor do selo. Também devemos saber que nem todos os selos perfurados estão inutilizados, porque algumas vezes se trata de perfuração oficial, o que se pode saber consultando um catálogo.

O filatelista deve diligenciar melhorar sempre a sua colecção, mudando os seus selos demasiado carimbados ou menos perfeitos por exemplares em melhor estado. Uma colecção está pois em constante progresso.

RUI MACEDO *(Lobo Cinzento)*

Bolsa Filatélica

Dois meses dedicados à Espanha

A Bolsa Filatélica dos próximos dois meses será dedicada à Espanha. Os nossos leitores filatelistas (escoteiros ou não) enviar-nos-ão os seus pedidos de selos de Espanha, usados, remetendo também as suas ofertas para troca. As trocas serão feitas ao preço do catálogo. Os pedidos devem ser acompanhados de um selo de 1$00 para o porte de correio.

Convidamos os nossos leitores de Espanha a se associarem à actividade da Bolsa Filatélica. Estes poder-nos-ão mandar selos de Espanha para troca com selos de Portugal. Sugerimos que os nossos colegas da imprensa escoteira do país vizinho colaborem nesta iniciativa, lançando este convite aos seus leitores, colaboração que muito apreciaríamos.

Para a boa execução da Bolsa Filatélica, contamos com a colaboração amiga da Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

Recebemos o bem elaborado relatório da Gerência de 1964 desta prestimosa colectividade, pelo qual nos foi dado comprovar a constante actividade do Ateneu em todas as suas secções, tanto culturais, como educativas e desportivas.

Agradecemos o relatório e formulamos votos de contínuos progressos à simpática e tão útil colectividade.

8.º JAMBORI DO AR

O Jambori do Ar realizar-se-á este ano no fim de semana de 16 e 17 de Outubro, desde as 0 horas de 16, sábado, até às 24 horas de 17, domingo, consecutivamente.

Como o ano de 1965 foi designado pelas Nações Unidas como o «Ano Internacional da Cooperação», a Repartição Mundial de Escotismo resolveu organizar o 8.º Jambori do Ar de cooperação com outras organizações de juventude, como as Associações Cristãs da Mocidade, Cruz Vermelha, etc. Acontece ainda que a data de 16 de Outubro é particularmente feliz para esta actividade porque foi escolhida pela Organização de Alimentação e Agricultura das N. U. para o seu «Apelo de Mobilização da Mocidade» em relação com a Campanha da Liberdade da Fome.

Sempre Pronto, a partir do presente número, dará todas as informações acerca desta tão interessante actividade. Entretanto, os grupos de escoteiros de todo o País devem iniciar os seus contactos com os rádios-amadores do seu bairro ou localidade, com vista a poder contar com a sua cooperação para o Jambori do Ar. Todos os rádios-amadores consultados no ano passado manifestaram o seu grande interesse e entusiasmo pela iniciativa e colocaram-se inteiramente à disposição dos escoteiros. Portanto, os grupos de escoteiros podem dirigir-se a estes amigos, certos de um acolhimento simpático e mesmo entusiástico.

Por outro lado, sabemos que a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal está particularmente interessada no Jambori do Ar e vai empregar toda a diligência para a boa organização da actividade e obtenção de facilidades oficiais.

Mãos à obra, portanto!

Dos Amigos de «SEMPRE PRONTO»

DOENTES

O nosso estimado amigo e antigo assinante, Sr. Francisco Gonçalves, que foi dirigente do Corpo Nacional de Escutas, tem estado muito doente, encontrando-se, agora, felizmente, em convalescença.

Desejamos-lhe um rápido e completo restabelecimento.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Número 241

★

MAIO de 1965

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Problemas da Língua

O INADEQUADO DUM TERMO

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Ouvi há tempos, numa audição aliás muito interessante e útil, chamar «pretoguês» à maneira incorrecta de falar e escrever a nossa língua. Fiquei bastante admirado de assim se proceder, perante tão grande audiência e com tão injusta crítica, isto na era actual!

Provàvelmente um gracioso há muito tempo terá inventado a expressão, formada da propositada corrupção do nosso muito querido genitivo «português». Foi evidentemente um erro propositado, para corrigir pela troça os erros involuntários cometidos por pessoas de todas as cores, nos territórios nacionais.

Isto usou-se, mas já se não usa, e de aí a minha estranheza.

Ora o certo é que quando se usou não se devia ter usado, como vou procurar demonstrar.

Em todas as províncias de Portugal, «cismarinas» ou ultramarinas, se usam diferentes formas de pronunciar, o que, com o emprego de certas variantes de termos, constitui as chamadas diferenças dialectais. Em Lisboa, pronunciam-se, em geral, as palavras *tio* e *rio* como ditongos, o que exaspera os ouvidos nortenhos. No Norte, trocam-se o *b* pelo *v*, a ponto de se contar por graça que certa telefonista insistia com o expedidor dum telegrama se o *b* duma palavra telefonada era «o *b* de boi ou o *b* de *baca*». Mas os do Norte podem bem rir-se da *auga* e do *cravão*, da *chuminé* e do *chicolate* que em Lisboa se usam e gastam. Dir-se-á que isso é próprio das classes incultas. Pois é. Mas o «dialecto pá» das meninas e dos meninos *bem*? Não é uma distinção *gira*?

Estou em dizer que certa classe bem trajada usa um português «mais remendado que a capa dum pedinte» como dizia o clássico. E não só remendada, que ainda poderia ser limpa; mas suja, meus amigos, suja!

Certo falar é propositado, é o calão voluntário. Mas ouço um professor dizer «pérda», um locutor dizer «almiscar», e outro dizer «períplo», o que deve ser fruto duma respeitável ignorância, senão resultado duma menos respeitável distracção. Hoje há tão pouco tempo para estudar!

Coisas há que vêm da infância, e já se não podem corrigir. Se o o ouvido se recusa, a língua fica impotente. Contaram-me no Brasil, há anos, que uma professora Paulista (em S. Paulo é geral o rotacismo, ou troca do r por l) ao receber a visita do inspector em aula, escreveu no quadro preto a palavra *alma* a chamou um menino para que a lesse. Este, como ficou dito, pronunciou *arma;* e a professora, para demonstrar a sua boa pronúncia, emendou: «Mênino, não é *arma*, é *arma*». O aparelho fonador estava mancomunado com a outiva...

O caso é que quando um Lisboeta diz *coâlho* onde um alentejano diz *coêlho,* e quando um alentejano diz *pêto* onde um portuense diz *pêito,* usam todos fórmulas que o distinto professor a quem no princípio me refiro deveria chamar, se quisesse, *brancoguês*. Erros de gente clara, de «rostos pálidos»? Não. Características dialectais.

As línguas não têm diferenças de cor; o que têm às vezes é sarro de impureza, devido a um «interior» pouco limpo. Isso — a maledicência e a obscenidade, por exemplo — é que convém principalmente combater. Há diferenças que respeitar e corruptelas que devemos combater enquanto é tempo.

Entre outros, há erros que julgo provenientes da etimologia popular, como quando o «o novo-rico» da anedota dizia às suas visitas: «*otilizem-se,* que a minha casa é um hotel»; ou o que ouvi no Brasil, dito com toda a seriedade, acerca dum lugarejo (lá, um «sítio») chamado Cemitério: «o nome de *Sumitério* é muito bem posto, porque tudo que vem para aqui se *sume*». Outros erros são filhos da analogia ou imitação de sons. É assim que no nosso tempo se começou a dizer e a escrever «*esparguete*», para aportuguesar o italiano *spaghetti* talvez por lembrar o espargo. Já se não corrigirá, provàvelmente, como a canastra antiga, só emendada na «canasta» moderna, o jogo derivado do cesto; mas creio que se não oficializará o *chefre* e o *espilro*.

Em lugar de *pretoguês* eu chamaria *cacoguês* a todos esses abusos, em especial o daqueles a quem, por dever de ofício, competiria levar pelas ondas de Hertz a todo o país, um idioma escorreito e limpo, não abrindo vogais a torto e a direito e não pronunciando consoantes que os mestres conservaram na reforma ortográfica, por tradição etimológica ou em função de assento.

Pretoguês não, porque há portugueses cultos e bem-falantes entre os mais-que-morenos, isto é, com mais pigmento corante, que os da Metrópole (alguns destes, por sinal, bastante escuros, e nem por isso menos simpáticos). Afinal, entre nós, os «cismarinos», brancos são só os doentes de albinismo. Esta é a palavra de ordem que deveremos transmitir uns aos outros, ao estender a mão leal aos mais pigmentados. Ninguém deve ser tratado pelos «sinais particulares» até aqui registados nos bilhetes de identidade.

Atender a alguns exemplos: «Minha senhora está ali um bexigoso para receber a conta do gás». Ou: «Sabes? A Josefina casou com o careca da esquina». Ou: «Um cidadão zarolho arrematou os lixos da cidade». Ou ainda: «Estavam alguns milhares de brancos no aeroporto à chegada do jazista preto» (que talvez seja castanho ou cor de azeitona de Elvas).

Não estou fazendo humorismo mas defendendo uma causa justa.

Afinal, se houve intenção desdenhosa na invenção do tal termo, foi injusta, por duas razões: uma é porque a língua materna nalgumas regiões nossas não é a língua nacional. Eduque-se a mãe nativa, no idioma pátrio, e ela o ensinará aos filhos na idade própria. Então a pronúncia será mais a nossa; e ainda porque o nosso emigrante ou antes «transmigrante» das províncias europeias para as africanas, começa ali em breve a imitar as silabadas da selva em vez de se manter com os sons do berço natal.

A outra razão, por que a intelectualidade africana é até susceptível de alta cultura, como o demonstrou Agrey de África, o génio cristão, retinto, da Costa do Marfim; o talentoso Booker Washington, o primeiro norte-americano «de cor» que entrou na Casa Branca (sem lhe manchar a candura); e o dr. Carver, nascido ainda em condição de escravo, filho de escrava, que atingiu a cátedra universitária e veio a descobrir sessenta derivados químicos do amendoim, com

Segue na página 5